

A MOCIDADE.

PERIODICO LITTERARIO.

A mocidade é a esperança da patria.

(MACHADO D'ASSIS.)

ANNO I.

SABBADO 15 DE FEVEREIRO DE 1862.

N. 3.

A MOCIDADE.

Hoje apresentamos ao publico o terceiro numero do nosso jornal. Não obstante alguns espinhos, cuja dôr felizmente não temos sentido, o nosso prado tem-se matizado de algumas flôres. A prova existe no presente numero que é honrado com uma mimosa producção de um dos mais distinctos litteratos e poetas contemporaneos.

Amigo do trabalho e dos esforços que se empreguem em prol do progresso da intelligencia, o Sr. Bruno Seabra, estendo a mão animadora á mocidade que vê esforçar-se para o intellectual desenvolvimento. Agradecemos profundamente a generosa coadjuvação que nos dispensa, e encorajamo-nos em excesso á vista da mão protectora que vemos estender-se em nosso auxilio. Julgamos desnecessario reclamar a attenção dos leitores para a poesia do Sr. Bruno Seabra; o nome do autor é vantajosamente conhecido.

Outrosim, não podemos deixar de agradecer as expressões animadoras com que nos mimoseou o *Diario do Rio*, noticiando o nascimento do nosso jornal e a coadjuvação que nos teem prestado alguns jovens que teem honrado as columnas da *Mocidade* com suas producções.

A *Redacção* não pôde deixar de mostrar-se agradecida por tão subidas provas de sympathia que tem recebido, e que espera recolher de alguns outros mancebos que com a melhor vontade se prestam a coadjuval-a.

A virtude.

« Só a virtude, essa filha angelica do céu, só ella resiste e sobrevive ás tempestades da vida. »

(NUNO ALVARES.)

Donzella, escuta a voz do poeta que te ama, como a flôr ama o rocio da manhã! Não te enlameis no charco da prostituição; não vás no lodacal da infamia manchar a tua pureza d'anjo, e a tua corôa de virgem! Escuta os sons de meu coração que palpita por ti, que te ama com o amor puro e santo como o dos anjos! Ouve os ecos de minha alma que se revela dedicada e nobre, offerecendo-te seus mais doces suspiros, suas mais intimas crenças de amor e respeito!...

Não te enlameis, donzella!

Garça de innocencia, vôa nos ares e não poluas tuas brancas azas nos bréjos immundos da prostituição!... E's innocente e pura como um hymno de amor no templo de Deus!... Eu admiro a tua castidade e amo os teus sorrisos de candura!...

No circulo do mundo que se chama—*sociedade*—, as seducções e vaidades podem despertar em teu coração a flamma da riqueza, os sonhos do galanteio e os desejos de felicidades ficticias!

Foge, donzella. Esse quadro que deslum-

bra as vistas, esse ponto luminoso que te embriaga os sentidos, são outros tantos abysmos que te arrastarão á corrupção, ao infortúnio e á miséria d'alma!... Essa sociedade que te illude, ao principio com sorrisos d'amor e de idolatria, depois de desfructar-te, impellindo-te á infamia, só te tratará com desprezo e escarneo! Serás como a flôr que foi bafejada pela brisa; porém, depois devastada pelo simão do deserto.

No mundo, a seducção, a infamia e o vicio, apparecem sob as vistas as mais lisongeiras; porém tudo mente, como as cartas de uma Pythonissa.

Só ha uma cousa pura, saneta, verdadeira e nobre! digna d'amor e admiração! é a VIRTUDE. A sacrosancta palavra que transforma a mulher em anjo, que a torna um objecto divino, um laço d'amor e castidade que prende o céu á terra! A VIRTUDE, é o sentimento que Deus mais ama no mundo!...

Foi a virtude quem tornou Maria Stuart uma heroína, cujo nome ainda está gravado no coração daquelles que teem admirado a santa resignação da mulher-martyr, que ainda no patibulo perdoava seus algozes elevando para os céos os seus olhos innocentes!... Unico sentimento que realça no meio do fastigio das illusões do mundo!... Unico fogo que não se extingue pelos chuveiros das misérias e immoralidades desta sociedade tão corrupta!...

A virtude é como a palmeira que resiste ao furacão e que vê as outras arvoros cahirem a seu lado.

A VIRTUDE é a imagem do Christo crucificado no Golgotha!... Nada mais puro, divino e brilhante do que esse sol de felicidades que nos purifica com sua luz de amor!... Deus ama a VIRTUDE porque ella é o reflexo de sua Omnipotencia sobre a terra!... Donzella, escuta a voz do poeta, e não te illudas com este mundo enganador!... Sem teres a VIRTUDE unida ao teu coração, serás como essas flôres que após uma noite de baile, sem perfumes e sem bellezas, são lançadas ao chão! E virtuosa, serás como a Virgem Maria que, sobranceira aos males do mundo, se abraça á cruz do Crucificado!

1861.

J. M.

Flôr sem perfume.

(ORIGINAL.)

(Continuado do n. 2.)

III.

Quando Margarida voltou a si, achou-se estendida no seu leito, tendo á cabeceira um mancebo ainda vestido á phantasia que a contemplava amorosamente. Ella, abrindo os olhos, recordou-se em breve da scena que tivera logar. Depois olhou assustada para o mancebo. Este comprehendeu a expressão desse olhar, porque apressou-se em dizer:

— Senhora, ha muito que vos amava: vendo-vos desmaiar no baile, e sabendo onde vós moraveis, aqui vos trouxe. Juro-vos, porém, que vos respeito tanto como se respeitasse uma irmã!

Margarida acreditou nas sinceras palavras do mancebo.

De repente occorreu-lhe uma lembrança: cumpria esquecer Alfredo com o hymeneu. A imagem desse pobre moço que expulsára duramente, era um remorso que a atormentava. Desde esse fatal dia, a sua imagem apparecia-lhe em formas mais sedutoras, de noite e de dia, no descanso e no trabalho; sempre o via triste, acabrunhado por uma dôr que o fazia delinhar. Tornar á fallar-lhe, era quebrar o orgulho de mulher que tinha. E comtudo amava-o. O som melifluo de sua voz tristonha, murmurava-lhe n'alma como um psalmo harmonioso, seductor, que a embriagava. Mas como adquirir esse amor? Como desdizer-se? Era um impossivel. Cumpria a todo o custo quebrar os laços que a prendiam a elle. Cumpria esquecel-o para sempre! A mão da fatalidade desunio-os; era mister cumprir os decretos do destino. Embora o primeiro amor que morre deixe o coração em cinzas, a mulher orgulhosa desce á sepultura, mas não quebra o seu orgulho. E vós, leitoras, que podeis julgar com conhecimento, fazei uma analyse anatomica em vós, ou em quem julgardes no caso de Margarida e julgareis se é ou não isso verdade. Achamos desnecessario repetir as confissões amorosas que se fizeram. Basta que saibamos que Margarida, fazendo um esforço so-

brenatural nesse amor que nutria, prometeu unir seu destino ao mancebo que a conduziu á casa.

Que final podia ter o enredo deste drama terrível, que, com uma só palavra, se tornaria feliz?

Vamos expol-o no quarto capitulo.

(Continúa.)

Esperanças desfeitas.

I.

Mão fado persegue a mocidade, rica de crenças e de intelligencia, expressão fiel de um porvir risonho.

Pobres avezinhas que quando começam a experimentar o poder das tenues azas, são, tão sem dó, extintas!

Quantos funestos perecimentos se leem effectuado na capital do imperio no curto periodo de dous annos e meio! Quantas flôres derrubadas do hastil, pelo sopro do nordeste! Quantas lagrimas vertidas sobre essas campas, pela familia, amigos e pela patria!

O infortunio acompanha desapiedadamente aquelles que nasceram ou fizeram-se poetas! Ha mui limitadas excepções!

Estas, constituem Magalhães, Dias, Macedo e Porto-Alegre. Do lado inverso, Azevedo, Junqueira Freire, Franco de Sá, Dutra e Mello, Casimiro de Abreu, Aureliano Lessa, Manoel de Almeida, Macedo Junior, Nascentes Burnier, Proença, e tantos outros!

E destes ultimos só tres nos legaram desses thesouros que perpetuam os nomes. *As Primaveras*, de Casimiro de Abreu, *As Obras*, de Alvares de Azevedo e *As Inspirações do Claustro*, de Junqueira Freire, foram os legados importantes e competentemente processados que não ficaram! Dos outros, produções, excessivas na verdade, mas, desconhecidas muitas, outras impressas n'uma e n'outra folha e as demais concentradas no poder de alguns amigos!

E' nosso fim tratarmos dos infortunados mancebos que desapareceram no periodo que deixamos manifestado. E' esse encargo doloroso, mas ao mesmo tempo grato. Reavivam-se os sentimentos d'alma, um pouco abrandados, mas não extintos. E que val essa circumstancia quando a penna corre desassombrada, no intuito de recordar corpos destruidos e nomes que não fenecem?

Desfolhemos mais alguns goivos sobre as lousas que para sempre encobrem os restos desses illustres viajantes; e, enquanto alguma pétala existir izempta da usual indiferença que se tributa ás cousas nobres, esses nomes serão recordados.

II.

Deocleciano David Cezar Pinto, aos vinte annos envolveu-se na mortalha funerea e deixou o mundo que para elle bem ingrato fôra. Ainda no verdor dos annos, deixou os lares patrios para habitar entre nós. O commercio recebeu-o no numero dos seus excessivos adeptos, e, como constantemente succede, desfavoravel lhe foi a sorte. Laico, pensava na obtenção de um risonho porvir, nada lhe valendo as contrariedades que tinha visto se antolharem ante o trilho a seguir. Joven, divisava um horisonte azulado e bello, sem meditar nas espessas e negras nuvens que caminhavam com velocidade e que em breve o toldaria.

E sempre a alma se mostrava tranquilla! Sempre um sorriso nos labios. A esperança bania todo e qualquer vislumbre de tristeza que pudesse de leve anuviar o pensamento.

Tinha um bello coração esse joven caixeiro, credor das mais fagueiras dilas.

Os annos passaram. Ainda a descrença não invadira sua alma. Mais alguns annos no calendario da existencia, mais alguns pezares derrubados, e tenue melhoramento de posição e não da sorte.

Concebeu a idéa de dar expansão aos seus sentimentos intimos; quiz demonstrar a aquisição das luzes intellectuaes, de que se apoderára nos momentos de descanso: tomou a lyra e della extrahiu esses sons arrebatadores denominados—versos!

A intelligencia quasi sempre superabunda nos cerebros predestinos para meditarem nos transeos dolorosos que fazem vergar as fronte por mais altivas que sejam. Por isso elle, que se considerava crente, sentiu a chamma intellectual querer ter alguma expansão e... cantou.

Os seus cantos por ahi se deparam, n'um ou n'outro periodico em que collaborou. *A Saudade* e *O Universo Illustrado*, foram os mais aquinhoados.

No dia 6 de Abril de 1859, celebrou-se na matriz da Candellaria, uma missa por sua

alma e em commemoração do trigesimo dia do seu passamento. Além da familia do joven poeta, achavam-se presentes alguns amigos sinceros, que pagavam um tributo de amizade a quem a soube grangear.

Deocleciano David Cezar Pinto, não deixou um bello nome na republica das letras; porém, deixal-o-hia sem duvida, se tão cedo não fosse roubado ao mundo.

T. Leitão.

POESIAS.

Graziela.

Vem, morena andalusa, linda e bella,
Sentar-te junto a mim!

Trina endeixas de amores, Graziela,
Eu tóco o bandolim.

Emquanto o mundo, no vaivem das tramas
De hypocrita moral,
Faz dos homens actores de seus dramas
No palco universal;

Nós faremos aqui papeis mais bellos
No theatro de amor...
E' tão bom respirar nos teus cabellos
Suave e doce olor...

Teu seio, travesseiro de brocado
De egypcio hymineu,
Tem mais perfume que na terra o nardo,
Que os jacinthos no céu!

E' tão bom reclinar sobre teu seio
A fronte o trovador...
E no doce remanso desse enleio
Dormir... somno de amor...

* * *

Oh! dormir e sonhar ao teu regaço
Que a vida é sempre assim,—que não tem dóres!
Oh! vida de um viver—passado em sonhos
Aos sons dos hymnos das visões de amores!

E' tão bom! vem, morena, se tu queres,
Desse prisma através de mil fulgores,
Ver a vida correr em céos de rosas,
E em noites de amor—ver céos de amores!

E tu não sentirás da vida o tédio,
E tu não sentirás do tédio as dóres,
Que a vida é gozo—que inebria a alma
Quando ella vive a soluçar de amores!

Vem, minha amada, que eu te mostro a vida
Desse prisma através de mil fulgores,
Que ás vezes—quando durmo sobre espinhos
Me faz sonhar que durmo sobre flôres!

Bruno Seabra.

Ah! se eu pudesse!

A sombra á tarde refrigera a planta,
A chuva santa reverdece o lyrio;
Porque, morena, não me dás soccorro?
Não vês que morro no cruel martyrio?

A mariposa, que na luz adeja,
Embora veja reduzil-a a nada.
Ao menos, morro, no prazer, na gloria;
Tem a victoria de morrer queimada!

Pois nos meus sonhos, n'um soffrer cruento,
Eu me alimento na lembrança tua;
Pallida virgem, vem sonhar conmigo,
Cá neste abrigo, ao clarão da lua.

Qual na colmeia, entre os mil verdores
Se alenta em flôres caprichosa abelha;
Assim minh'alma se alimenta em vida,
De amor perdida na voraz scentelha.

Bem como a virgem, que com tal recato
Passa um regato sem tocar-lhe as aguas;
Assim meu gesto recatado e puro,
Ama seguro—sem dizer-te as maguas.

E qual flôrzinha debruçada á beira
D'uma ribeira supplicando orvalho;
Vaga meu corpo neste mundo errante,
Qual caminhante procurando atalho!

E quando á tarde, no tufão se inclina
Rosa divina que o vergel bafeja;
Prende-te a falla divina! cansaço,
Lascivo abraço só meu peito almeja!

Ah! se eu pudesse, moreninha, virgem,
Nesta vertigem te c'roar de galas;
Ah! se pudesse o meu labio impuro
Prevêr futuro, comprimir-te as fallas...

Então, morena, que seria ha pouco,
Do pobre louco que te adora tanto?
Fallas, não tremas, que a razão não mente?!
Iria eu crente consagrar-te um canto!...

11 de Janeiro de 1862.

C. A. de Salazar Sanchez.

Desejo.

A — JUVITA DUARTE SILVA.

Bella e gentil Nininha
Flôrziinha toda innocencia,
Clemencia não tens ingrata,
Maltratas meu puro amor.
Agra d'ôr, meu peito sente
Presente não seres fida,
A' qu'rida promessa tua!
E a lua, lêda passando,
Lembrando vai tua jura
Tão pura, de affectos lindos,
De infindos d'amor enleios
Dos seios niveos que tens.
Mil bens te deu a natura,
Futura gloria terás;
E a mais risonha esp'rança,
Descança, te será dada,
Eivada de graças mil!

De anil, o céu prasenteiro,
Fagueiro e lindo, se mostra;
Se prosta aos encantos teus,
A de Deus, imagem sua.
Fluctua n'um peito livre,
O timbre da lealdade;
Maldade não tem o amante,
Constante te jura ser.
Se morrer só quer teu pranto,
Teu canto, se a vária sorte
Seu norte tornar feliz!
E quem diz ser inflexível,
Fallível a lei de Deus?
São teus meus cantos, minh'alma.
A palma que o vate tenha,
Contenha glorias, renome,
Com teu nome em cada rama,
A fama nossa será!

Quem terá um peito ardente,
Fervente de amor mais casto,
Não gasto por outro rosto,
Composto, raro, formoso.
Ditoso perfil extranho?

Tamanho é pois o affecto,
Discreto que te tributo;
Exulto em te dar um beijo,
Desejo mais que presar-te,
Amar-te, ser teu p'ra sempre!

Outubro de 1861.

F. T.

Tristeza.

Soluç a pomba no gorgueio languido,
Desbota a rosa no jardim formoso,
Seccam as aguas do regato limpido,
Geme a rolinha no cantar choroso.

A lyra chora, modulando um cantico,
Desmaia a mente n'um dormir cançado;
E o peito vive na descrença gélida
Curva-se o corpo ao soffrer do fado!

Meus olhos tristes desprendendo lagrimas,
Só veem tudo d'um mortal pallor;
Abrande ao menos no dormir do tumulo,
A febre ardente de infeliz amor!

2 de Outubro de 1861.

José Maria de Almeida.

Recordações.

§

Tenho saudades da juventude. No meio dos gosos desta vida, um sentimento me punge o coração e eu murmuro baixinho como a brisa que só nos traz aos ouvidos um echo harmonioso:

— Como é bella a mocidade!

E caminho. Vou longe, bem longe, buscar as sensações de novos prazeres, e sempre aquella lembrança, sempre aquella d'ôr meacompanha, murmurando-me como a nota de um hymno e repetindo-me aos ouvidos aquellas palavras:

— Como é bella a mocidade!

§

Como são doces as recordações do passado! E como é triste o presente! Que praser, que alegria, não nos desperta no coração a lembrança de nossa mocidade? Como é grata a recordação dos brinquedos infantis, das caricias maternas, e dos prazeres puros que se gosam no seio da familia, e da patria! O meu coração sente uma d'ôr terrivel e pungente; e meu peito delirante sente arrancarem-se-lhe as fibras, quando os labios contrahidos pela saudade, repetem:

— Como é bella a mocidade!

§

O presente, mesquinho como o tufão que derruba a arvore magestosa, desfez as doces illusões do passado cheio de crenças! Só vejo um abysmo de lagrimas e dôres! Quando o pranto me humedece os ciliós, quando saudosas recordações diminuem a dôr intensa que me dilacera a alma, eu repito, ébrio de um prazer delirante, buscando allivio na recordação:

— Como é bella a mocidade!

E o passado não volta, o presente é triste, e o futuro negro; só as recordações me alimentam o coração! só o peito repleto de alegria e de tristeza pôde encontrar um balsemo precioso fazendo meus labios pronunciar baixinho:

— Como é bella a mocidade!

1862.

Viriato.

Revista da Quinzena.

Pouco fertil foi a quinzena finda; excepção feita do calor demasiado que tem havido em substituição das copiosas chuvas que de festas deu-nos o primeiro mez do anno.

No entanto cumpre que o *Chronista* escreva; mas o que?

E' verdade que uma das mais robustas intelligencias de paiz, muitas vezes, á mingoa de factos, suppria essa falta mimoseando-nos com não poucos romances seus; e se elle a isso se via obrigado, mais difficil a nós, pigmeus na litteratura, se torna o desempenho da missão que nós foi delegada.

Sirvam as precedentes linhas de desculpa se não fôr cumprida á risca a tarefa circumscripta aos noticiadores dos acontecimentos que se effectuam em períodos designados.

Os leitores sabem que a esse respeito não nós cabe a culpa, e, tanto basta para a tranquillidade do espirito.

§

A nossa municipalidade, tem sido constantemente censurada pela falta de accio das nossas ruas, praças e praias, assim como pelas innumerables transgressões das disposições municipaes. Em parte são fundadas tão repetidas queixas, e não em tudo, consideran-

do-se as camaras municipaes na tristissima esphera em que o poder executivo as tem collocado.

Peadas no desempenho de seus deveres, subordinadas em tudo aos representantes do executivo, as nossas idelidades jazem desrespeitadas e inhibidas de prestarem aos seus committentes os melhoramentos e deliberações que elles reclamam.

Essas circumstancias não embargam as manifestações que se devem expôr aos encarregados de velar pelo bem estar dos seus municipes. E' essa a razão pela qual, em tempo, chamamos a attenção da Illma. Camara, para o estado em que se acha o largo de S. Francisco de Paula, aonde no anno proximo, deve ser erigida a estatua de José Bonifacio.

Trate-se desde já do calcamento dessa praça, e, concluido esse mister, seja a Camara disvellada pelo reclamado embellezamento. Se fôr necessaria a prévia licença do governo, ha tempo de sollicital-a, com tanto que os procuradores natos dos interesses do municipio, não adormeçam por longo tempo sobre uma materia urgente e digna dos mais serios cuidados.

§

E, por fallarmos na projectada estatua de José Bonifacio, vem a pêlo o desejo de sabermos o que tem feito a commissão central incumbida de tão honrosa tarefa. Alguns mezes se passaram, e excepção feita da reunião em que se designaram os membros da directoria, nada mais consta se ter effectuado.

Longo não se acha a época prescripta para ser inaugurado o monumento devido ao patriarcha da nossa independencia. O dia 13 de Junho de 1863, centesimo anniversario de tão illustre varão, bem perto está, e o facto de não ser nelle realisado tão grato compromisso, acarretará os desgostos que se angariaram com a protellção havida na execução da estatua do fundador do Imperio.

Os caracteres que constituem a commissão central, se dignarem attender ás ingenuas, mas sinceras observações de um *Chronista* obscuro, reconhecerão, talvez mui breve, que este aviso nada tem de extemporaneo.

Que no dia 13 de Junho de 1863, esteja

realizada tão nobre e popular missão, taes são os nossos votos. Os esforços envidados para se lograr esse *disemderatum*, merecerão, quando menos, os entusiasticos emboras do Chronista da Mocidade.

§

Brevemente vamos ter um dos maiores dias de festa nacional; fallamos da inauguração da estatua equestre de D. Pedro I, que depois de quatro vezes transferida, parece realizar-se no dia 25 de Março proximo. Se não fallarem as instrucções monumentaes, ácerca dessa festividade, o 37º anniversario danossa constituição que, segundo disse o consciencioso autor da *Carteira de meu tio*, jaz sepultada sem nunca ter vivido, será um dia excepcional. Como elle não se acha longe, quem lá chegar apreciará os tão *mages-tosos, aromaticos e estrondosos festejos publicos que farão pasmear a propria côrte!*

Nada diremos sobre a obra estrangeira, importada ha pouco. Algures disse um joven pensador que a collocação da estatua estava reservada:

« Pra quando se importasse a grande obra,
« No bronze franca, nacional na pedra,
« Se ainda contratempos não surgissem! »

E não se enganou.

§

A *Sociedade Dramatica Nacional*, consummou na quinzena um acto de verdadeira philantropia. Além de ceder o theatro livre das despesas primarias, os artistas pertencentes a essa empreza, não subvencionada, voluntariamente colisaram-se para satisfazerem todas as despesas da noite da representação.

Era uma divida de gratidão que a *Sociedade Dramatica Nacional* pagava á memoria do Dr. Manoel de Almeida, e ao mesmo tempo um poderoso auxilio em prol da familia de que era chefe o finado poeta.

A redacção do *Diario do Rio de Janeiro*, secundou as louvaveis vistas dos conferidores da recita, encarregando-se da distribuição dos bilhetes. Alguns empregados dessa

typographia, coadjuvaram a redacção do *Diario* em um tão nobre mister!

O espectáculo compoz-se do drama *De Ladrão a Barão* e da comedia *Novo Othello*. No intervallo do drama á comedia, a Sra. D. Gabriella recitou uma bella e sentida poesia do Sr. Machado de Assis que, em cinco estrophes, revelou mais uma vez a perda irreparavel que soffreu o paiz pelo fene-cimento do Dr. Manoel Antonio de Almeida.

Infelizmente foi lemitado o concurso dos espectadores! Sobravam em demazia os lugares, quando para um tão nobre e humanitario mister devia ser bem exíguo o theatro *Gymnasio!*

Lamentando este facto, damos os nossos emboras á *Sociedade Dramatica Nacional*, pela acção que praticou e que tanto a enobrece.

§

Aos assignantes da *Mocidade*, assim como a todos quantos dispensam alguma attenção aos esforços da intelligencia, julgamos não ser desconhecido o nome do Sr. Bruno Seabra, joven romancista e poeta, animador constante das vocações nascentes e um dos mais decididos constructores do edificio da litteratura patria.

Se, porém, esse successo existir, rogamoslhe a leitura da poesia do illustre paraense, que honra as columnas do presente numero do nosso modesto periodico. Ao autor do *Paulo*, do Sr. Hilarião, da *Rosa Branca*, etc., saúda e pramenteiramente agradece tão gigantesca coadjuvação o obscuro *Chronista* da *Mocidade*.

§

Talvez não tenham os leitores conhecimento do contheudo de um livro submittido á consideração publica no anno findo. Queremos fallar do *Parnaso Maranhense*, collecção de poesias de mais de cincoenta distinctos filhos da provincia que se orgulha de ter dado o berço ao sublime cantor do *Y Juca Pirama*. Além de outras muitas proluções de merito, são encontradas nesse livro as bellas trovas dos finados Franco de Sá e Lisboa Serra e as de Dias Carneiro, Gentil Homem e Severiano de Azevedo.

Por uma modica quantia se pôde adquirir o *Parnaso Maranhense*. Aos apreciadores das bellas letras, recommendamos a aquisição desse importante volume.

§

Duas produções dramaticas acabam de sair dos prêlos da typographia de Paula Brito. São ellas—*Mãe*—, do Sr. Conselheiro José de Alencar, e—*O Engeitado*—, do Sr. Dr. C. J. Gomes de Souza. O publico que já teve o prazer de applaudir essas composições quando levadas á scena nos theatros *Gymnasio* e de *S. Pedro*, não deve perder o ensejo de apreciar-as pelo lado litterario,

Oxalá não se demorem por muito tempo nas livrarias da corte.

§

Os Srs. Castilhos (Antonio e José), reuniram n'um bello volume as oblações por elles tecidas á memoria do joven monarcha constitucional, tão cedo envolvido no tumulto.

Os nomes dos autores, significam o merecimento do livro. As sinceras homenagens rendidas ao finado rei D. Pedro V, são os emblemas que avivam no presente e avivarão no porvir as glorias de seu feliz reinado.

§

De Ladrão a Barão, intitula-se a ultima produção dramatica nacional levada á scena nos theatros da corte. As pennas autorizadas dos Srs. Muzzio, Senna Pereira, Assis e outros, já teceram encomios ao autor, o Sr. Alvares de Araujo, e aos artistas do *Gymnasio* que das respectivas partes foram encarregados. Além disso, o parecer do *Conservatorio Dramatico*, publicado no dia em que pela primeira vez foi representado o drama, tinha anticipadamente attrahido o publico em favor da composição.

Assistindo a uma das representações, não encontramos os preconizados jús que ao drama se tinha facultado. As inverosimilhanças são tão frequentes, ha tanto fel lançado á sociedade que, felizmente para o povo brasileiro, os seus costumes não chegam ao grão de

corrupção e cynismo que o autor parece dar-lhe.

O desenlace do drama não correspondeu á nossa espectactiva e bem assim a terminação dos actos que, segundo a opinião do censor, tinham sido fechados com chaves de ouro.

O desempenho não foi bom! Os intelligentes actores do *Gymnasio* não estavam na noite de 6 do corrente senhores dos papeis de que foram encarregados, excepção do Sr. Flavio, que devidamente disse e representou o papel de *André*.

No entanto, confessamos, o Sr. Alvares de Araujo, merece ser animado a proseguir na empresa de que se incumbiu. Os senões que julgamos deparar na sua primeira composição dramatica, são mais devidos á falta de pratica na carreira de dramaturgo do que a de dotes intellectuaes. Senhor de algum tirocinio dessa vereda, muito espera o paiz do illustrado autor do *De Ladrão a Barão*.

Que o desanimo não lhe arrefeça o enthusiasmo e virentes louros colherá.

Prepara-se para subir brevemente á scena, a comedia—*Gabriella*—, da illustre autora da produção dramatica—*Um Anjo sem Azas*, que será, depois da *Gabriella*, representada.

§

O theatro de *S. Pedro*, depois de martyrisado pelos *Martyres da Germania*, que por seu turno começavam a martyrisar o publico, prometteu dar-nos hoje a comedia *O Sachristão*, do Sr. José Virgilio Ramos de Azevedo. A empresa, em seus annuncios, mostra ter empregado os maiores recursos para que o desempenho, *mise en scene*, etc., satisficam os espectadores e dulcifiquem o martyrio que elles teem soffrido.

Deus queira que assim aconteça.

Felix.

As assignaturas recebem-se á rua da Quitanda n. 70. Todas as reclamações devem ser enviadas a esta typographia.

Typ. Popular, rua Nova do Ouvidor n. 9.